

O PODER DA EXTREMA-DIREITA

EM PARIS, UM DEBATE DE DOIS DIAS ENTRE ACADÊMICOS FRANCESES E BRASILEIROS DEFINE A VERDADEIRA NATUREZA DO GOLPE DE 2016

por LENEIDE DUARTE-PLON, de PARIS

Entender o Brasil e a direita que assumiu o poder no país foi o desafio enfrentado por historiadores, sociólogos e antropólogos reunidos em Paris, dias 30 e 31 de maio, no colóquio internacional *Quelle Droite a Pris le Pouvoir au Brésil? (Que Direita Assumiu o Poder no Brasil?)*. Foram dois dias de reflexão e debate para lançar um pouco de luz sobre “a profunda ruptura política vivida no Brasil em 2016”. A conferência de abertura foi pronunciada por Marilena Chaui, professora emérita de filosofia da USP.

A emergência de uma direita totalmente descomplexada e poliforme ficou mais clara, a partir de informações acumuladas ao longo das conferências. “Religião e conservadorismo moral na política brasileira”, da socióloga Maria das Dores Campos Machado (UFRJ), e “Entre o visível e o invisível: a afirmação lenta, gradual e segura da extrema-direita no Brasil contemporâneo”, do historiador Luís Edmundo de Souza Moraes (UFRJ), contribuíram para definir o perfil do atual poder brasileiro.

Para a extrema-direita brasileira, cada vez mais visível no espaço midiático e nas

manifestações de rua, os crimes da ditadura devem ser esquecidos, em nome da anistia, e qualquer desejo de justiça e verdade é visto como revanchismo. Este poder desbragadamente reacionário invoca a anistia, mas no fundo conta com a amnésia da sociedade brasileira. E tenta reescrever a História a partir de livros que se tornaram *best sellers*, como o do coronel Brillhante Ustra, o ilustre torturador.

Na conferência de abertura do encontro, a filósofa Marilena Chaui destruiu com toda eficácia “o mito da não violência brasileira”, fato fundador de uma sociedade que se vê como “um povo

generoso, alegre, sensual, solidário, que não conhece o racismo, o machismo, a homofobia, que vive sem preconceitos porque não discrimina as pessoas por etnia, classe social nem por escolhas sexuais, religiosas ou profissionais”.

“Essa sociedade fortemente hierarquizada prefere ver a violência como um fato esporádico e não como sua estrutura, fruto das desigualdades econômicas sociais e culturais”, afirmou a filósofa. E prosseguiu, categórica: “A sociedade brasileira está longe do que constitui e define a democracia, que prega a criação e a afirmação de direitos”. Segundo ela, a miséria, que foi considerada natural ou totalmente ignorada durante 500 anos, recrudescer com as reformas neoliberais aprovadas pelo governo golpista.



Tendo por sede a École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), o colóquio foi construído como sete mesas sob o modelo de confrontação da realidade brasileira, com experiências mais ou menos semelhantes em outros países “a fim de ‘desisolar’ o que se passa no País e repensar a crise brasileira dentro de uma crise mais global”. Assim, a



conferência “A judicialização da sociedade e da política no Brasil”, de Ernani Carvalho, da Universidade Federal de Pernambuco, teve o contraponto “Sócio-história dos processos de judicialização: alguns ensinamentos do caso francês”, apresentada por Antoine Vauchez, da Université Paris 1-Panthéon Sorbonne).

Em outra mesa, Marcos Otávio Bezerra, antropólogo, Universidade Federal Fluminense, abordou “A corrupção na política e a política na corrupção no Brasil”, em contraponto a Jean-Louis Briquet (CNRS/Université Paris 1 - Panthéon Sorbonne), que discorreu sobre o tema “Julgar a política: iniciativas judiciais e mobilizações políticas na Itália de Tangentopoli (1992-1994)”. Essa mesa debateu os efeitos políticos dos escândalos que deram visibilidade pública às políticas transgressivas dos dirigentes, com atores emergentes reivindicando um protagonismo na recomposição do sistema político.

Na Itália, descobriu-se a grande promiscuidade entre a máfia e os políticos, com 160 parlamentares implicados em escândalos de corrupção. O que se constatou foi uma crise moral e a necessidade de renovar as práticas políticas. A operação *Mani Pulite*, ao contrário da Lava Jato, recompôs o que a democracia italiana perdera ao longo dos anos 80, mas a luta contra a corrupção levou à ascensão de Silvio Berlusconi, “um empresário fora do campo político”, concluiu Jean-Louis Briquet.

No Brasil, essa recomposição levou ao golpe de 2016 e, por ora, a Michel Temer. A pretensa luta contra a corrupção, que historicamente serve de pretexto para a derrubada de governos progressistas no Brasil, como assinalaram vários conferencistas, tenta demonizar todos os políticos pelas práticas indefensáveis



Marilena Chaui:
“A sociedade brasileira está bem longe da democracia”

de grande parte deles. Por enquanto, as oligarquias buscam construir “berlusconis” brasileiros para tomar o poder futuramente, através do voto, se houver eleições em 2018.

A iniciativa do colóquio foi de três jovens brasilianistas, considerados um *dream team* por um dos conferencistas: a historiadora francesa Maud Chirio, especialista em ditadura militar brasileira, e os brasileiros Diogo Couto (Universidade Federal de Pernambuco) e Rodrigo Nabuco (Universidade de Reims). Nabuco vive na França há muitos anos e defendeu sua tese de doutorado sobre a cooperação estreita entre os

TAMBÉM MANDA NO BRASIL O PODER DA SOMBRA: A MÍDIA DETÉM UMA ARMA DE DESTRUIÇÃO EM MASSA. É A TESE DO PROFESSOR LOUAULT

militares franceses e brasileiros, e a influência da doutrina francesa na guerra revolucionária no Brasil durante a ditadura.

O brasilianista e cientista político Frédéric Louault, da Université Libre de Bruxelles, analisou brilhantemente o sistema político eleitoral brasileiro. Ele trabalhou sob a gestão do PT em Porto Alegre e sua conferência teve por título “Governar entre lobbies e partidos: a derrota da reforma do sistema eleitoral sob Lula e Dilma Rousseff”. O contraponto foi feito

por Stéphane Boisard (Institut National Universitaire Jean-François Champollion), que discorreu sobre “O papel dos *think tanks* na emergência da nova direita chilena; os *lobbies* intelectuais a serviço de uma reestruturação total da sociedade”. Para quem não sabe, o brasileiro Instituto Millenium abriga um ex-ministro de Pinochet.

É esse passado, entre outros, que está no DNA da extrema-direita brasileira. Frédéric Louault sintetizou o cenário político brasileiro, mostrando que quem governa o País é o Poder Legislativo, o Poder Executivo e o poder da sombra. “O quarto poder, o midiático, detém uma arma de destruição em massa.” Para Louault, certos poderes profundamente reacionários nunca foram desalojados, nem mesmo durante os anos dos governos petistas de Lula e Dilma Rousseff. Aliás, alguém já resumira esta ideia ao dizer que eles tinham em mãos o governo, mas não o poder.

Louault propôs como chave para entender as direitas que detêm, de modo permanente, o poder no Brasil a fórmula do sociólogo Roger Bastide (1898-1974), professor na Sorbonne e na Universidade de São Paulo: “Pensar a simultaneidade dos contrários – o velho está no novo e o novo está no velho”. •

